

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, UFMA, CAMPUS DE CODÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS-HISTÓRIA

NERIANE SOUSA E SOUZA

AS DISCUSSÕES SOBRE GLOBALIZAÇÃO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE
GEOGRAFIA DO 8º ANO DO TRIÊNIO DE 2017-2019 DAS ESCOLAS MUNICIPAIS
DE CODÓ-MA

CODÓ-MA
2019

NERIANE SOUSA E SOUZA

AS DISCUSSÕES SOBRE GLOBALIZAÇÃO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE
GEOGRAFIA DO 8º ANO DO TRIÊNIO DE 2017-2019 DAS ESCOLAS MUNICIPAIS
DE CODÓ-MA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas-História da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Codó, como requisito para a obtenção do título de graduada em Licenciatura em Ciências Humanas-História.

Orientador: Prof. Dr. Alex de Sousa Lima

CODÓ-MA
2019

Souza, Neriane Sousa e.

AS DISCUSSÕES SOBRE GLOBALIZAÇÃO NOS LIVROS DIDÁTICOS
DE GEOGRAFIA DO 8º ANO DO TRIÊNIO DE 2017-2019 DAS ESCOLAS
MUNICIPAIS DE CODÓ-MA / Neriane Sousa e Souza. - 2019.

44 f.

Orientador(a): Dr. Alex de Sousa Lima.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
História, Universidade Federal do Maranhão, Codó-MA, 2019.

1. Geografia. 2. Globalização. 3. Livro Didático. I.
Lima, Dr. Alex de Sousa. II. Título.

NERIANE SOUSA E SOUZA

AS DISCUSSÕES SOBRE GLOBALIZAÇÃO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE
GEOGRAFIA DO 8º ANO DO TRIÊNIO DE 2017-2019 DAS ESCOLAS MUNICIPAIS
DE CODÓ-MA

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Humanas-História
da Universidade Federal do Maranhão,
Campus de Codó, como requisito para a
obtenção do título de graduada em
Licenciatura em Ciências Humanas-História.

Codó-MA, 17/12/2019.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alex de Sousa Lima (orientador)

Profa. Dra. Roneide Sousa Santos
Examinadora 1

Profa. Dra. Jascira da Silva Lima
Examinadora 2

À minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus pelo privilégio da vida, por sempre me acompanhar e me guiar nessa jornada do início ao fim, e não permitiu que eu desistisse quando tudo parecia não ter mais solução, sempre me deu forças para alcançar meus objetivos.

Aos meus pais, Francisca Rosimary S. Sousa e Antonio Manoel R. Souza, a minha irmã Ana Paula Sousa e a minha avó Raimunda Rodrigues, que me incentivaram a seguir meus sonhos e objetivos me motivando e me dando força sempre desde do início dessa jornada, sou grata a Deus pela família que me presenteou.

Ao meu namorado Fabio Barbosa, que sempre me encorajou a não desistir dos meus sonhos e acreditou que eu era capaz, até quando eu não acreditava.

Agradeço ao meu orientador, professor Alex de Sousa Lima, por me aceitar como orientanda, no momento que eu precisei de um direcionamento acadêmico e principalmente pela paciência. Obrigada pelos conselhos nos meus momentos de desânimo. Agradeço pela dedicação de acompanhar cada detalhe desse trabalho.

Aos professores incríveis que tive o prazer de conhecer, pois todos contribuíram direta e indiretamente para que eu pudesse enxergar o mundo acadêmico e profissional com amor. É incrível perceber como vocês tem o prazer de transmitir conhecimento, todos são verdadeiros exemplos a serem seguidos.

Agradeço ao PIBID/CAPES que incentiva os discentes a não desistir da graduação em licenciatura, proporcionando experiência acadêmica, com o contato direto com o ambiente escolar.

Aos meus amigos que tive a honra de conhecer durante minha vida acadêmica, que vou levar para vida toda, em especial, meus amigos, Oseas Cunha, Danyelly Silva e Juliana Rodrigues que sempre estiveram comigo nessa caminhada.

Por fim, agradeço à todos que diretamente e indiretamente contribuíram para a conclusão desta etapa da minha formação.

“Ninguém nasce feito, é experimentando-nos
no mundo que nós nos fazemos.”
(Paulo Freire)

RESUMO

O presente estudo comparou em diferentes livros didáticos a forma como a temática globalização é abordada conceitualmente. Assim, o objetivo geral foi de analisar quatro livros didáticos de Geografia do 8º ano do ensino fundamental, sob a perspectiva de abordagem dos conteúdos sobre a globalização. A metodologia se pautou em pesquisas bibliográficas dando destaque as contribuições de alguns autores sobre o tema livro didáticos e globalização, e na análise dos quatro livros de Geografia. Os resultados apontaram para algumas questões, como: a) a globalização sempre ligada à economia e a tecnologia, b) a falta de abordagens sobre as questões ambientais e c) as desigualdades sociais geradas pelo processo de globalização. Conclui-se que os livros didáticos mesmo que de forma reduzida ou ampla sempre partem do mesmo pressuposto, ou de forma induzida pelos instrumentos que os regem, isto é, os editais, ou por outra questão. O que se notou foi uma abordagem tímida das questões ambientais e sobre as desigualdades sociais, que são marcas do referido processo.

Palavras-chave: Livro Didático; Globalização; Geografia.

ABSTRACT

The present study compared in different textbooks the way globalization is conceptually approached. Thus, the general objective was to analyze four Geography textbooks from the 8th grade of elementary school, from the perspective of approaching the contents about globalization. The methodology was based on bibliographic research highlighting the contributions of some authors on the theme textbook and globalization, and on the analysis of the four books of Geography. The results pointed to some issues, such as: a) globalization always linked to economy and technology, b) lack of approaches on environmental issues and c) social inequalities generated by the globalization process. It is concluded that even small or wide textbooks always start from the same assumption, or in a way induced by the instruments that govern them, that is, the edicts, or for another matter. What was noted was a timid approach to environmental issues and social inequalities, which are hallmarks of the process.

Keywords: Textbook; Globalization; Geography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Esquema de etapas do PNLD	22
Figura 02: Crescimento da economia mundial	36

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Bases conceituais para as abordagens dos temas Livro Didático, Livro Didático de Geografia e Globalização	16
Quadro 02: Livros didáticos de Geografia do 8º ano analisados.....	32
Quadro 03: Análise dos sumários dos livros	33
Quadro 04: Conteúdos mais contemplados pelos quatro livros analisados	38
Quadro 05: Comparação de como a Globalização é discutida em cada livro.	39

LISTA DE SIGLAS

ABE: Associação Brasileira de Educação

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

COLTED: Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático

CNLD: Comissão Nacional do Livro Didático

DCNs: Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica

FAE: Fundação de Assistência ao Estudante

FENAME: Fundação Nacional do Material Escolar

FNDE: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

GLD: Guia de Livros Didáticos

INL: Instituto Nacional do Livro

IHGB: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

PCNs: Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD: Programa Nacional do Livro Didático

USAID: Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	15
3. DISCUSSÕES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA E OS CONTEÚDOS SOBRE A TEMÁTICA GLOBALIZAÇÃO	17
3.1 Livros Didáticos: aspetos gerais.....	17
3.1.1 O livro didático de Geografia.....	22
3.2 Globalizações: conceitos e discussões	25
3.3 A relação entre os Livros Didáticos e os conteúdos.....	28
4. OS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO 8º ANO (2017-2019).....	31
4.1 Análises dos livros didáticos de Geografia.....	33
5. CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICE	

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo globalizado, ou seja, a globalização está presente no modo de vida atual (nas redes sociais, celular de última geração, marcas famosas, entre outros), e, com isso, ocorreram mudanças na interação econômica global. Quando se fala em mundo globalizado, não se pensa em um fenômeno isolado, pois a globalização é um amplificador de informações, movimentando o mundo e agilizando a comunicação que ficou mais rápida, diminuindo as distâncias. Essa globalização vem sendo atualmente discutida nos livros didáticos de Geografia, a qual é mostrada como ferramenta econômica, por um lado, mas também revela as contribuições quanto aos avanços tecnológicos e as influências culturais de outros países, por outro lado.

Nesse sentido, percebe-se que é importante tratar sobre o livro didático, sobretudo, com destaque para a temática globalização e as formas como são abordadas, seja no aspecto conceitual, seja sobre as formas de ensino. Entende-se que na atualidade há diversos instrumentos à disposição do professor e que podem melhorar a qualidade de suas aulas, porém o livro didático tem permanecido como a ferramenta básica nas escolas. Além de permitir ao aluno o acesso aos conhecimentos transmitidos por cada disciplina específica, às vezes é o único meio usado como fonte de leitura em diversas realidades escolares no Brasil.

Nesta perspectiva, acredita-se que a Geografia é uma ciência que investiga vários fenômenos, e a partir deles possibilita ao professor realizar reflexões com a realidade não ficando “preso” ao livro didático. Assim, a temática globalização, por exemplo, quando trabalhada de maneira interativa com a realidade e outras ferramentas podem possibilitar aos alunos a compreensão da realidade à qual faz parte comparando com as demais.

Estudar globalização na sociedade atual é de grande importância, pois a mesma faz com que as pessoas entendam as mudanças que estão acontecendo ao seu redor. A escolha da temática surgiu a partir da disciplina intitulada Prática e Análise do Livro Didático, do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História, na qual estudou-se sobre os livros didáticos no contexto das escolas do ensino fundamental do município de Codó-MA. Desta forma, isso resultou na produção de

um relatório explicando como é realizado a seleção de cada livro, relatando também a abordagem de livros sobre determinadas temáticas e, principalmente, como cada livro da mesma série, mas de autores diferentes, seguem a mesma linha de raciocínio.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa foi de analisar quatro coleções de livros didáticos de Geografia, do 8º ano, correspondente ao triênio 2017-2019, adotados pela rede pública de ensino do Município de Codó-MA a partir das formas de abordagem dos conteúdos referentes ao assunto de globalização. Com este propósito alguns objetivos específicos alcançados: i) conhecimento e caracterização dos livros didáticos de Geografia, do 8º ano, correspondente ao triênio 2017-2019; ii) identificação das unidades ou dos capítulos dos livros didáticos que apresentam os conteúdos de globalização; e, iii) análise dos livros didáticos de Geografia do 8º ano com base na forma de abordagem dos conteúdos de globalização.

As análises foram realizadas nos Livros Didáticos de Geografia, do 8º ano, de quatro coleções distintas, mas que são utilizados na rede municipal de ensino de Codó-MA. Dentro de cada livro existe um capítulo que trata sobre o assunto Globalização, deste modo, buscou-se algumas respostas aos seguintes questionamentos: Como cada livro aborda a temática globalização? Os livros seguem a mesma linha de raciocínio? Como a globalização está sendo trabalhada nos livros, sob o olhar capitalista ou como uma globalização que apoia os interesses sociais e políticos?

O trabalho primeiramente abordará os aspectos gerais do livro didático, destacando os primeiros registros no Brasil. Em seguida uma breve explicação sobre o Livro Didático de Geografia e de como é trabalhado em sala de aula. Logo após, serão apresentados os conceitos e as discussões acerca da temática globalização, com destaque para as teorias dos diversos autores que discutem sobre a temática.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa está dividida em duas etapas, a saber: i) pesquisa bibliográfica destacando as contribuições teóricas relevantes às temáticas do livro didático e da globalização; e, ii) análise dos livros didáticos trabalhados neste estudo.

2.1 Pesquisa Bibliográfica

No sentido de organizar as principais contribuições teóricas abordadas nesta pesquisa criou-se o quadro 01 abaixo:

Quadro 01: Bases conceituais para as abordagens dos temas Livro Didático, Livro Didático de Geografia e Globalização.

Autores	Descrição sucinta das abordagens
01 – Livro didático	
BITTENCOURT (1993)	<i>Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar.</i>
FERNANDES (2005)	<i>O Livro Didático e a pedagogia do cidadão: o papel do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro no ensino de história.</i>
02 – Livro didático de Geografia	
BRASIL (2017)	Guia do livro didático (Geografia), dos anos finais do ensino fundamental. Diretrizes de abordagens e conceitos trabalhados no livro.
03 – Globalização	
SANTOS (2001)	Por uma outra globalização.

Fonte: organizado pela autora (2019).

2.2 Análise dos Livros Didáticos

Foram visitadas 11 escolas do ensino fundamental maior da cidade de Codó-MA, onde 9 delas adotaram os livros trabalhados na pesquisa. A análise foi realizada em quatro livros didáticos de coleções distintas sendo que todos foram do 8º ano. Destaca-se que estes livros estão sendo utilizados nas escolas da rede pública do município de Codó-MA no triênio 2017, 2018 e 2019. Os livros são: i) Expedições Geográficas (Melhem Adas e Sergio Adas); ii) Para Viver Juntos/Geografia

(Fernando dos Santos Sampaio e Marlon Clovis Medeiros); iii) Por Dentro da Geografia (Wagner Costa Ribeiro); e, iv) Geografia Homem & Espaço (Elian Alabi Lucci e Anselmo Lazaro Branco).

Inicialmente foram identificadas as escolas do ensino fundamental da área urbana da cidade de Codó-MA e posterior levantamento da relação dos livros didáticos de Geografia que estavam sendo utilizados. Após esse momento, buscou-se uma cópia de cada exemplar para fins de pré-análise dos sumários e dos capítulos dos livros buscando-se saber as diferenças e semelhanças no trabalho do conteúdo sobre a temática Globalização, cujos dados foram organizados como tabela no *Word 2013*.

Após essa primeira etapa, foram escolhidos os capítulos de cada livro que discutia a temática supracitada. A análise também se pautou na observação da forma de apresentação do assunto, se era uma discussão resumida ou ampla. Se quando o tema é apresentado de forma resumido consegue dar elementos suficientes para o entendimento do assunto ou é muito superficial e vago. Ou, ainda, se quando apresentado de forma ampla, a abordagem satisfaz o entendimento do assunto ou se torna cansativa e sem objetividade. Cabe ressaltar que se entende por conteúdo todas as linguagens presentes em cada capítulo, por exemplo: textuais, gráficas, entre outras.

3 DISCUSSÕES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA E OS CONTEÚDOS SOBRE A TEMÁTICA GLOBALIZAÇÃO

Os tópicos que seguem neste capítulo destacam a discussão teórica da pesquisa, versando sobre o livro didático e seus aspectos gerais, o livro didático de Geografia e, por fim, a temática globalização.

3.1 Livro Didático: aspetos gerais

Este tópico discute sobre o livro didático e seus aspectos gerais, pois o livro didático não é apenas uma simples ferramenta dentro da sala de aula, mas um instrumento político-pedagógico controlado e decretado pelos governos. Assim, sua produção segue critérios pré-estabelecidos e devem, em termos gerais, estar bem elaborados, pois servem tanto dentro da sala de aula quanto fora dela, sendo importante instrumento de pesquisa. Por ser um documento valioso na difusão de conhecimentos, torna-se uma ferramenta poderosa nas mãos do Estado Nacional, pois por meio dos livros didáticos podem ser difundidos conteúdos de interesses exclusivos de uma política de estado.

No Brasil, os primeiros registros da utilização dos livros didáticos datam da década de 1820, no período imperial, quando da instalação das primeiras escolas públicas no Brasil. Em 1827 foram elaborados alguns projetos, sendo que um deles permitia a criação das Escolas de Primeiras Letras, conforme a Lei Geral, de 15 de outubro 1827, estabelecendo a criação de escolas primárias em todas as vilas, cidades e lugares mais populosos do império.

[...] o estabelecimento da educação escolar foi planejado e acompanhado pelo poder governamental, responsável por criar mecanismos efetivos de controle em relação ao que deveria ser ensinado. (BITTENCOURT, 1993, p. 17).

Considerando o exposto, percebe-se que a educação, em todos os níveis, é acompanhada pelo governo, pois se trata de uma forma de controle sobre o conteúdo a ser trabalhado nas salas de aula do país. Trata-se de uma intervenção que insere ou retira partes ao interesse das políticas e ideologias do estado.

Salienta-se que o livro didático é tratado como instrumento político-pedagógico de poder do estado.

De acordo com Fernandes (2005) em 1838 foi fundado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), criado pela necessidade de fortalecer a centralização administrativa pelo governo monárquico devido ao aparecimento de diversos movimentos contestatórios e rebeliões do período regencial. Nesse sentido, a finalidade do IHGB era de juntar documentos que falassem sobre a história do Brasil e construir uma biografia nacional, produzindo a história do Brasil, reconstruindo o passado que muitos não conheciam. Além disso, buscava organizar os fatos históricos que haviam acontecido, fazendo uma galeria dos heróis do país, construindo biografias que fornecessem às futuras gerações exemplos de atitudes, comportamentos e práticas de vida coletiva e principalmente que tivessem orgulho e amor à pátria. O autor ainda considera que

A carência de manuais didáticos no idioma pátrio para o ensino secundário brasileiro fará com que os homens de ciência, políticos e literatos - todos eles imbuídos do espírito nacionalista- passem a se dedicar a escrita e produção de livros escolares. Um desses foi o escritor romântico Joaquim Manuel de Macedo. (FERNANDES, 2005, p.127)

Com isso, a intenção era fazer com que a biografia nacional se expandisse e que servisse de fonte para as futuras gerações, pois só dessa forma o país teria seus heróis e suas fontes nacionais sem precisar buscar e utilizar material didático de outros países e, sobretudo, diminuir a carência dos livros didáticos no idioma pátrio.

De acordo com Rodrigues (2007), no Brasil o livro didático não tem uma história própria, tudo sobre sua existência é baseado em um encadeamento de leis, decretos e medidas governamentais que ocorreram em sequência. A partir 1920 surgem os primeiros livros em algumas escolas do país com a fundação da Associação Brasileira de Educação (ABE), cuja função era de formar uma política educacional. No entanto, por se tratar de material importado, poucas escolas possuíam, pois o país não tinha condições de editar e produzir esse material didático. Na década de 1930 o livro começa a despontar no país com os movimentos de nacionalização e expansão da rede de ensino. Esse tempo também marca o

começo de uma política educacional mais conscienciosa e com pretensões democráticas.

Ainda conforme o autor (2007), em 1937, o Estado Novo criou o Instituto Nacional do Livro (INL), ligado ao Ministério da Educação e Cultura, o qual legislava sobre a política do livro didático. Todavia, a questão do livro didático só é resolvida em 30 de dezembro de 1938, com o Decreto-Lei Nº 1.006, que estabelece as condições de produção e utilização do livro didático. Esse mesmo decreto também criou a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), com a finalidade de julgar, examinar e indicar o livro didático. O Decreto-Lei Nº 1.177/1939 estabelecia a composição da CNLD, a qual deveria contar com dezesseis membros nomeados pelo presidente da república.

Nos anos de 1960, os governos brasileiro e norte-americano, assinaram vários acordos que, segundo Rodrigues (2007), culminou com a criação da Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED), a qual promoveu uma aliança entre o MEC, o Sindicato Nacional e Editores de Livros e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Assim, a intenção era a de distribuir gratuitamente por certo período, livros para estudantes brasileiros, mas essa ajuda do governo norte-americano foi bastante criticada por acreditarem que eles queriam manipular o mercado de livros do Brasil, em especial o mercado de livros didáticos.

Em 1966, por meio de um acordo entre MEC e USAID (Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional), foi criada a Comissão do Livro Técnico e Livro Didático – COLTED [...] A Colted dispôs de recursos suficientes para a distribuição de 51 milhões de livros no Ensino Fundamental, contemplando entre seus objetivos o aumento da produção do livro didático e o barateamento de seu preço. (ZACHEU; CASTRO. 2015, p.08).

Esse acordo entre os dois países foi uma aproximação feita pela Organização dos Estados Unidos, com o objetivo de que seus membros recebessem a proposta para fazerem uma inspeção em seus livros. Tudo isso “para que deles fossem retiradas referências desabonadoras aos atos de nosso grande vizinho do norte”, conforme aponta Celeste Filho (2010, p. 237).

Conforme Mantovani (2009), a criação da Fundação Nacional do Material Escolar (FENAME) por meio do Decreto-Lei nº 5.327/67, estabelecia as seguintes

finalidades: i) definir as diretrizes para a fabricação de material escolar e didático e assim garantir a sua distribuição em todo o país; ii) estabelecer programa editorial; iii) desempenhar os programas do livro didático; e, iv) contribuir com as entidades educacionais, culturais e científicas. A fundação era administrada pelos seguintes órgãos: a) o Conselho Técnico Consultivo, que conceituava a política nacional de produção e compartilhamento de obras didáticas e material escolar; b) o Conselho Fiscal, que emitia as propostas sobre as contas expostas anualmente pela Diretoria; e, c) a Diretoria, que tinha como função dirigir e organizar o plano de atividades e orçamento anual da fundação.

Para o autor, a Lei 7.091/83 modificou a designação da FENAME, ampliando suas intenções e dando outras providências. Além disso, também alterou o seu nome para Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), passando a ter vínculo com o MEC. A fundação passou a ter a finalidade de garantir ferramentas e condições de assistência educacional nos níveis da pré-escola, primeiro e segundo grau, com objetivos fundamentais de: aperfeiçoar os materiais, proporcionar custos menores e criar melhores condições para o acesso dos usuários ao material escolar e didático, alimentação e bolsas estudantis.

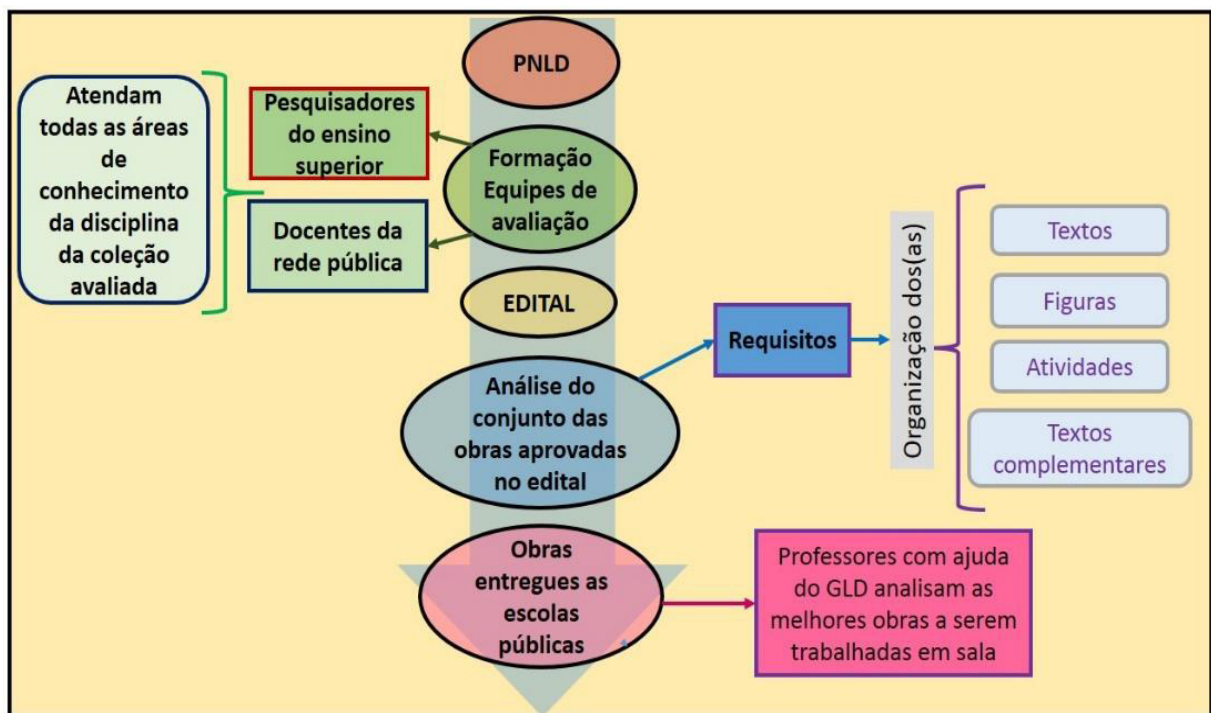
Na década de 1990, o MEC deu atenção maior para os livros didáticos e fundou o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), estabelecendo alguns critérios de avaliação na hora de escolher os livros que iriam ser utilizados pelas escolas, divulgando a lista de livros aprovados e distribuindo nas escolas para os docentes avaliarem de acordo com o Guia do Livro Didático (GLD). O PNLD foi fortalecido pelo Governo Federal, sendo promovido pelo MEC e administrado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Ligadas ao MEC, essas instituições federais passaram a ter como objetivo principal o abastecimento das escolas da rede pública e de algumas entidades parceiras do programa Brasil Alfabetizado, com uma produção didática de qualidade (FERNANDES, 2005).

Por meio do PNLD, os livros de todas as disciplinas são distribuídos nas escolas da rede pública do país, esse é um dos maiores projetos do mundo que distribui livros de graça para as escolas públicas. Todo um cronograma é seguido para o livro chegar até o aluno, primeiramente o PNLD seleciona uma comissão para escolha dos livros, essa comissão analisa cada coleção com muita cautela, pois precisam seguir algumas regras. Geralmente, os livros, os quais são escolhidos por

especialistas, como pesquisadores do ensino superior e docentes da rede básica, devem atender a todas as áreas de conhecimento da matéria da coleção que irá avaliar.

Nesse sentido, a expectativa era de que os livros, ao cumprirem o estabelecido no edital, pudessem atender aos requisitos colocados, como por exemplo: organização dos textos, das figuras, dos textos complementares, das atividades e outras visões sobre cada disciplina e temática trabalhada no livro didático. Destarte, nota-se que para o material didático chegar ao aluno, há um processo de produção que é dividido em etapas, conforme a figura 01.

Figura 01: Esquema de etapas do PNLD.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Assim, o entendimento sobre tais ferramentas é de que

O livro didático e o Manual do Professor auxiliam o planejamento do, em geral, atarefado educador. Têm a pretensão de ser material de apoio à necessária formação continuada, pois tanto os livros didáticos como[...] Guias não são materiais de consumo estático, pronto. (BRASIL, 2017. p. 08)

Nesse contexto, ressalta-se que usar o livro didático como algo definitivo (acabado) não é correto, pois trata-se de um material de apoio às atividades do professor dentro do ambiente escolar. Assim, quando o uso desse material passa

pela compreensão de “consumo estático”, ou seja, usado sem nenhum texto complementar e sem nenhuma dinâmica, pode contribuir para um ambiente desmotivador. Todavia, salienta-se que grande parte dos professores ministram suas aulas em muitas turmas e em mais de uma escola, fazendo o “consumo estático” mais presente no cotidiano docente.

Para Bittencourt (1993), tanto o PNLD e quanto o GLD auxiliam os docentes a fazer a escolha do livro, pois neles estão descritas as diretrizes sobre os livros que foram aprovados pelo MEC. O processo de escolha do livro é uma questão que envolve o professor de maneira muito decisiva, pois é preciso estar atento a algumas indagações, como: Que livro usar? Quais critérios usar? De que forma serão selecionados os livros? Diante disso, os professores tem que ter consciência de seus instrumentos para uma análise adequada, uma tarefa difícil, pois exige posicionamentos claros sobre estas questões.

Ainda segundo o autor (1993), o livro didático tem “múltiplas faceta”, por ser visto às vezes como produto cultural e em outras ocasiões como um objeto ligado ao comércio editorial, sendo sujeito ao sistema capitalista. Entretanto, pode ser visto como um apoio de conhecimento e normas das diversas matérias curriculares e, principalmente, como vetor de opiniões culturais e ideológicas. Destaca também que o livro didático é importante por conduzir as diversas opiniões culturais, sendo alvo de manipulação pelo comércio.

Para Romanatto (2004), o livro didático é uma ferramenta de eficiência, partindo do princípio de que o verdadeiro aprendizado não é memorização, mas um aprendizado apoiado na compreensão. Portanto, percebe-se que quando o aluno tem um estudo memorizado isso faz com ele esqueça rapidamente, mas quando ele consegue compreender, o conhecimento fica pra toda a vida.

3.1.1 O livro didático de Geografia

Primeiramente, o livro didático de Geografia se refere a uma ferramenta fundamental para o processo de ensino, aprendizado e difusão de conhecimentos, permitindo aos alunos desenvolverem as noções sobre local, regional, global, entre

outras. Deste modo, se tornam essenciais para a compreensão dos fenômenos (sociais, culturais, ambientais, entre outros) abordados por esta disciplina.

É necessário que o livro de Geografia supere a ideia de educação de enciclopédia, a qual se fundamenta numa ampla quantidade de dados, vistos geralmente com rapidez e desconexos à vida cotidiana. Durante certo tempo, lecionar Geografia se baseava, grosso modo, nas definições dos aspectos naturais

[...] geralmente vistos no esquema relevo-vegetação-clima-hidrografia, seguida pela enumeração dos aspectos relativos à população. Finalizava-se com o estudo da economia dos lugares, para o qual, novamente, prevalecia a compartimentação agropecuária e indústria com algumas informações sobre comércio, transporte e mineração[...] (BRASIL, 2017, n/p).

Na atualidade a Geografia tem múltiplas abordagens que são essenciais para atrair a curiosidade dos alunos para a realidade que o nosso território vive ultimamente.

A Geografia dos anos finais do Ensino Fundamental tem um objetivo tão simples, mas talvez, por isso mesmo, de difícil alcance: atrair a atenção do estudante para que ele, auxiliado por nós, seus professores, aumente sua capacidade de entender o complexo mundo em que vivemos. (BRASIL, 2017, n/p).

Ao longo dos anos, os livros didáticos de Geografia foram adicionando novos conteúdos e abordagens, tais como: as questões ambientais, a globalização, os conflitos existentes no mundo, entre outros. Contudo, jamais abandonou o modelo da Ciência Geográfica sólida que trabalha a natureza, a população e a economia. “Este modelo, baseado no tripé Natureza-População-Economia (N-P-E), foi herdado da Ciência Geográfica praticada, sobretudo, na primeira metade do século XX prolongando-se aos dias atuais[...]” (BRASIL, 2017, n/p). O livro didático de Geografia, sobretudo a partir da década de 1990, vai sendo arquitetado sob outras abordagens, com a inclusão de conteúdos e a pluralização de diversas leituras.

A Geografia Tradicional não sumiu, mas através de outras Geografias que começou a se expandir as temáticas trabalhadas nos livros didáticos atuais. Esse meio-termo, bem como essa ampliação de categorias de novas temáticas faz a disciplina de Geografia ter a vontade de ser uma ciência de síntese, pois ela abrange conceitos diversificados como, vegetação, relevo, clima, cultura, economia, entre outros, se renovando com o passar dos anos.

A renovação no ensino de Geografia tem como principal objetivo tornar esta disciplina significativa para os alunos, pois a partir disso poderão adquirir habilidades de leitura do mundo e também de promover ligações entre sociedade e natureza, pois algumas temáticas ainda permanecem décadas com um certo equilíbrio, mas a maneira de observar esses temas tem mudado frequentemente.

No processo de ensino e aprendizagem essa renovação traz uma forma de expandir o olhar dos alunos para outras realidades, isso permite um pensamento desenvolvido. Essa ampliação de pensamento faz com que aconteça uma ligação do presente com o futuro, do regional com o global e principalmente permite a relação com os grupos sociais que fazem parte da nossa existência.

Nos anos finais do Ensino Fundamental, busca-se, por meio da Geografia, ampliar a percepção da identidade de cada um de nós, e, concomitantemente, a percepção do Outro. O Outro que vem de lugares e de circunstâncias muito distintos. Para saber quem somos nós, temos que atentar para as particularidades e perceber o que nos torna diferentes do *outro*. Distintas etnias, culturas, crenças, faixas etárias, níveis sócio-econômicos, formas de ser no mundo. Percebemos que o termo *população*, embora genérico, escondia, na verdade, um mosaico formado por um conjunto de partes distintas[...] (BRASIL, 2017, p. 11).

Nesse sentido, a Geografia versa não somente sobre a realidade local, mas também de tantas outras, possibilitando um conhecimento sobre outras partes do globo. Através dessa disciplina algumas pessoas tem noção de outra região ou religião, da existência de outras classes sociais, pois ela não se fecha apenas em uma realidade social. Com os conhecimentos desta disciplina o indivíduo tem como refletir sobre a riqueza e a variedade social existente, problematizando, comparando e desenvolvendo o senso crítico.

Com isso, percebe-se que o professor pode influenciar no aprendizado dos alunos quando estabelece relações com outras realidades para além do livro didático. Dessa forma, fazendo com que professor e aluno não se fechem na ideia de que o livro didático trata de uma realidade imutável. Para Prado; Carneiro (2017)

A Geografia hodierna deixou de ser uma ciência descritiva e informativa, transformando-se numa área de conhecimento compromissada em [...] apreender a dimensão da espacialidade das/nas coisas do mundo. O espaço geográfico é desse modo, concebido e construído intelectualmente como um produto social e histórico, que constitui ferramenta que permite analisar a realidade

[...] para a compreensão da espacialidade contemporânea [...] (PRADO; CARNEIRO, 2017, p. 982).

Nesse sentido, percebe-se que a Geografia vem mudando e mostrando que a sua área de conhecimento se transforma a cada dia, fazendo com que dentro e fora da sala de aula se tenha o desejo de conhecer a realidade e compreender os seus processos de modificação atuais. Assim, entende-se que isso gera um desafio ao docente, pois este deverá envolver os alunos no processo de construção de conhecimentos, ao invés de apenas decorar conceitos, mas aplica-los

3.2 Globalizações: conceitos e discussões

Comumente, quando se faz uma abordagem sobre globalização é possível encontrar diversas conceituações, mas há aqueles sentidos mais recorrentes, sobretudo os associados ao viés econômico (muitas vezes ligado às novas formas tecnológicas que operam o comércio mundial). Para Therborn (2001, p. 124) “um conceito é uma ferramenta e não uma essência”, ou seja, a resposta contém a duas exceções imediatas, uma delas associada à comunicação, e a outra, ao conhecimento.

Nesse sentido, entende-se que não há um único conceito que defina o que de fato é a globalização, principalmente por sua característica multidimensional e acompanhada por um conjunto de variáveis sociais. Contudo é possível dizer que a globalização é um fenômeno que está dividido na história do ser humano contemporâneo. Também traz uma nova visão dos processos históricos que ajudaram na transformação social até os dias atuais. Nesse contexto, Therborn (2001) atesta que:

[..] a globalização pode cobrir um número infinito de aspectos da vida social, isto é, pode variar em amplitude, de apenas multicontinental até rigorosamente planetária, e pode também ser movida por dinâmicas diferentes. Em suma, o conceito refere-se a uma pluralidade de processos sociais, e a palavra mais adequada aqui seria “globalizações”, no plural[...] (THERBORN, 2001, p. 982).

Tal termo também é utilizado normalmente com uma única finalidade: modificações socioeconômicas que nascem para permear a sociedade atual em todos os lugares do mundo. Com isso, a globalização está unindo todas as instâncias

do espaço geográfico em uma realidade que é identificada como “um só mundo”, ou seja, a expansão da economia global vem cada dia incorporando novos mercados.

Para Santos (2001), uma das formas de ver a globalização é atribuí-la pelos meios de comunicação a todos que buscam observar o mundo como um extenso lugar, o qual pode ser explorado e consumido. É como se fosse uma cultura padronizada, pois encanta muitas pessoas pelas mesmas coisas, pelos costumes e pelos hábitos. Dessa forma, entende-se que há um fio condutor e de ligação entre as pessoas e o comércio global, ou seja, os meios de comunicação. Por meio deles “este mundo globalizado, visto como fábula, erige como verdade um certo número de fantasias, cujas repetições, entretanto, acabam por se tornar uma base aparentemente sólida de sua interpretação [...]” (SANTOS, 2001, p. 18).

Segundo Antonio Filho (2002), a globalização beneficia as grandes multinacionais do capitalismo e também para quem tem condições econômicas para comprar, produzir e ter acesso aos produtos globalizados. Percebe-se que de alguma forma há um consenso geral de que boa parte da população não tem condições financeiras para adquirir e se beneficiar de tais produtos.

De acordo com Santos (2001, p. 19) “[...] a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidade. O desemprego[...] A pobreza[...] O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizaram em todos os continentes [...]”. Percebe-se que o autor apreende a globalização como perversa, pois a partir dela esses problemas negativos aumentam sem haver soluções. Contudo, o autor nos remete a uma possibilidade de pensar em “uma globalização mais humana” (SANTOS, 2001, 19), ou seja, uma que coloque os interesses políticos e sociais à frente e não ao capitalismo. Lima (2007) entende que

[...] a globalização é antes de tudo fruto das relações sociais de um modo geral e não restrito ao econômico e, que suas influências se processam de forma diferente em cada lugar, pois “obedece” a uma dinâmica local [...] (LIMA, 2007, p. 44).

Nos últimos tempos é possível observar diversas mudanças no entorno do nosso cotidiano. Muitas realidades ganhando “novas caras” quando se refere ao mundo globalizado, se inscrevendo sobretudo no espaço geográfico, o qual sofre uma imensa transformação. Conforme Lima (2007):

[...] esse processo globalizante e disseminador de informação não se dá de forma homogênea no espaço/sociedade mesmo sendo responsável pelas mudanças espaciais como um todo, tanto no urbano quanto no rural. Essas mudanças no espaço rural estão, na atualidade, mais relacionadas às perdas de solos e degradação da natureza como uma consequência negativa indireta do processo, seja com a difusão de tecnologias e ampliação das redes ou com a minimização virtual das distâncias. E, com o passar do tempo as mudanças na paisagem natural vão se tornando mais evidentes e sob influência dos processos capitalistas que se acentuam. A globalização enquanto processo tem efeitos positivos e negativos, a partir da ação humana. (LIMA, 2007, p. 44).

Segundo Flores, (2014, p. 361) “Globalização como querem os teóricos anglo-saxões ou mundialização como querem os francófonos é um processo que resulta do aprofundamento e da mundialização das relações e das práticas sociais no espaço”. Santos (2001) entende que, na verdade, a globalização se trata de uma obra do aumento e do aprimoramento das técnicas, da ciência e da informação.

Desse modo, entra-se em um novo período histórico, onde a globalização indica atitudes, valores, que faz alguns acreditar que está construindo uma história nova. É difícil aceitar tantas manifestações reais deste processo que é a globalização, pois ela se alastra de maneira rápida. O aprimoramento das técnicas atuais vem de certa forma para contribuir e melhorar a vida da humanidade, mas não é algo que todos acreditam, muitos creem que essas técnicas vêm para aumentar a pobreza.

De acordo com Santos (2001):

Num mundo globalizado, regiões e cidades são chamadas a competir e, diante das regras atuais da produção e dos imperativos atuais do consumo, a competitividade se torna também uma regra da convivência entre as pessoas. A necessidade de competir é, aliás, legitimada por uma ideologia largamente aceita e difundida, na medida em que a desobediência às suas regras implica perder posições e, até mesmo, desaparecer do cenário econômico. Criam-se, desse modo, novos "valores" em todos os planos, uma nova "ética" pervasiva e operacional face aos mecanismos da globalização (SANTOS, 2001, p. 57).

Perante o exposto acima, é possível notar que a globalização se manifesta sempre ligada ao eixo do capitalismo, e isso de certa forma faz com que aconteça uma competição entre algumas regiões do mundo, pois estas não querem ficar abaixo e sempre encontram estratégias para que seu cenário de produção e economia seja o melhor.

3.3 A relação entre os Livros Didáticos e os conteúdos

Compreende-se que o livro didático é um material político, econômico e também um instrumento pedagógico, a saber: i) político porque de maneira geral o Estado intervém na escolha do conteúdo; ii) econômico, pois rende lucros enquanto produto; e, iii) instrumento pedagógico. Apesar de também ser entendido como um instrumento de auxílio para o professor dentro de sala de aula, o livro didático não pode ser taxado como o único material.

Como instrumento pedagógico, o livro didático ajuda tanto a formar alguns conceitos quanto auxilia no currículo. Assim, é preciso destacar alguns avanços nas políticas educacionais e na legislação do Brasil que proporcione perspectivas atuais e provocações diante o aparecimento dos currículos. Nesse sentido, é importante destacar que nos anos de 1997 e 1998, foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) do ensino fundamental, com a finalidade de servir como orientação nos currículos escolares dos brasileiros. Tinha a função de garantir que os estudantes, em qualquer região do país, tivessem o acesso ao básico do conhecimento que é passado nas escolas. Ressalta-se que não se trata de uma lei imposta pelo MEC para o ensino básico, mas sim, parâmetros que ajudam na educação do Brasil.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. (BRASIL, 1998, s./p.).

Assim, os PCNs, instituídos em 1988, não são obrigatórios, funcionam como um conjunto de sugestões para a renovação da proposta do currículo da escola até a demarcação das diretrizes curriculares nacionais. Todavia, orientam a educação básica na elaboração dos planejamentos escolares, direcionando os conteúdos e os currículos.

O início dos PCNs dividiu muitas ideias, pois um movimento de padronização começou a surgir nas salas de aula do país, com respeito às diversidades e ao

contexto nacional. Existiam muitas inovações construídas naquele documento e uma parte expressiva delas ainda se fazem presentes na proposta da Base Nacional Comum Curricular-BNCC. Esta, por sinal, foi construída a partir do que está estabelecido nos PCNs e nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica-DCNs. Porém, a BNCC tem seus objetivos de aprendizagem com mais compreensibilidade. Esta apresenta caráter obrigatório em todos os currículos de todas as redes públicas e privadas do país, fato distinto da proposta anterior.

A BNCC tem como objetivo principal reduzir a desigualdade de aprendizado, ou seja, todos os alunos terão a mesma oportunidade de ensino e conhecimento. Nesse sentido, a BNCC:

expressa o compromisso do Estado Brasileiro com a promoção de uma educação integral voltada ao acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno de todos os estudantes, com respeito às diferenças e enfrentamento à discriminação e ao preconceito. Assim, para cada uma das redes de ensino e das instituições escolares, este será um documento valioso tanto para adequar ou construir seus currículos como para reafirmar o compromisso de todos com a redução das desigualdades educacionais no Brasil e a promoção da equidade e da qualidade das aprendizagens dos estudantes brasileiros. (Ministério da Educação, 2018, p. 05).

Com a BNCC, o livro de didático de Geografia, por exemplo, continua dividido em duas etapas para o ensino fundamental, a saber: anos iniciais e anos finais, cada uma com suas competências. Na primeira etapa do fundamental se dá início ao processo de ensino aos alunos de como observar e compreender os assuntos sobre paisagens e, principalmente, por meio de comparações relacionadas as suas experiências locais.

Já nos anos finais do ensino fundamental os alunos devem ser conduzidos à compreensão, à identificação e às comparações do mundo, por meio de paisagens dos lugares. Com isso torna-se possível apresentar as diversas realidades e comparar com a própria realidade. Portanto, nota-se que na BNCC a área do ensino de Geografia proporciona aos estudantes a capacidade de decifrar o mundo por meio das várias realidades.

A seguir serão destacadas algumas competências específicas que as duas etapas de Geografia para o ensino fundamental de acordo a BNCC:

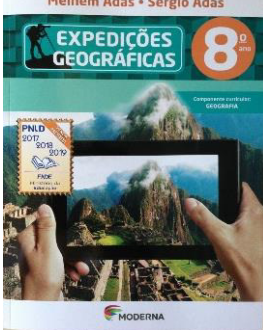

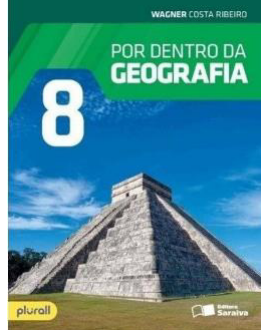

1. Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/ natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas.
2. Estabelecer conexões entre diferentes temas do conhecimento geográfico, reconhecendo a importância dos objetos técnicos para a compreensão das formas como os seres humanos fazem uso dos recursos da natureza ao longo da história.
3. Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.
4. Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.
5. Desenvolver e utilizar processos, práticas e procedimentos de investigação para compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio técnico-científico e informacional, avaliar ações e propor perguntas e soluções (inclusive tecnológicas) para questões que requerem conhecimentos científicos da Geografia.
6. Construir argumentos com base em informações geográficas, debater e defender ideias e pontos de vista que respeitem e promovam a consciência socioambiental e o respeito à biodiversidade e ao outro, sem preconceitos de qualquer natureza.
7. Agir pessoal e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, propondo ações sobre as questões socioambientais, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários. (BRASIL, 2018, p. 364).

Contudo, nota-se que todos os livros didáticos deverão passar pelo processo de revisão até que seus conteúdos contemplem o estabelecido na BNCC. Conforme o Governo Federal, tudo isso servirá para que os alunos tenham uma educação de qualidade e, com a esperança de alcançar a igualdade. A partir desse objetivo de ensino aprendizagem os alunos vão comparar diversas realidades do seu próprio contexto.

4. OS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO 8º ANO (2017-2019)

A análise do material foi realizada em quatro livros didáticos de Geografia (quadro 02) do ensino fundamental, 8º ano, utilizados nas escolas da rede pública municipal de Codó-MA. Dessa forma, busca-se trabalhar um conteúdo em comum, como os livros são do mesmo ano, possuem algumas características em comum, e uma delas é o conteúdo sobre globalização.

Quadro 02: Livros didáticos de Geografia do 8º ano analisados.

			
<p>Autores: Melhem Adas e Sergio Adas. Editora: Moderna Ano da Edição: 2015</p>	<p>Autores: Fernando dos Santos Sampaio e Marlon Clovis Medeiros. Editora: SM Brasil Ano da Edição: 2015</p>	<p>Autor: Wagner Costa Ribeiro. Editora: Saraiva Ano da Edição: 2015</p>	<p>Autores: Elian Alabi Lucci e Anselmo Lazaro Branco. Editora: Saraiva Ano da Edição: 2015</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Após a escolha dos livros, foi elaborada uma análise dos sumários para identificar em quais capítulos os respectivos autores trabalham com os conteúdos sobre globalização, já que os livros didáticos são todos da mesma série. A partir desse primeiro contato foi possível sistematizar como cada livro divide a sua forma de trabalhar a temática (quadro 03).

Quadro 03: Análise dos sumários dos livros.

Nº	NOME/DESCRIÇÃO DO LIVRO	CAPÍTULO DO LIVRO	ANÁLISE DO CAPÍTULO
01	<p>Expedições Geográficas Autores: Melhem Adas e Sergio Adas. Número de páginas: 296 páginas PNLD Triênio 2017 a 2019</p>	<p>Dividido em oito unidades em que cada uma delas existem os percursos (nome que identifica os capítulos). Percorso 5. Origens e bases do mundo global. Percorso 6. A economia global. Percorso 7. Globalização e meio ambiente.</p>	<p>Percorso 5. Destaca os avanços tecnológicos e como esses avanços ajudam a conhecer outras culturas. E mostra também como as tecnologias aplicadas as indústrias ajudam desde a segunda metade do século XIX. A partir de então todos os meios de comunicação e transportes passaram por transformações, sobretudo pelo aumentando da capacidade. Percorso 6. Refere-se à sociedade do consumo, mostra também que grande parte da produção do mundo é impulsionada e controlada pelas transnacionais que são empresas com alto nível de organização que atuam dentro e fora dos seus países. Percorso 7. Destaca a relação entre o crescimento da população global X os problemas ambientais. Destaca os principais problemas ambientais do Sec. XXI, dentre eles a degradação do solo, as queimadas, a escassez de recursos hídricos e a ameaça à biodiversidade.</p>
02	<p>Para Viver Juntos/ Geografia Autores: Fernando dos Santos Sampaio e Marlon Clovis Medeiros. Número de páginas: 250 páginas PNLD Triênio 2017 a 2019</p>	<p>O livro está apresentado em nove capítulos sendo que estes estão divididos por módulos. Capítulo 2. Mundo Globalizado.</p>	<p>Capítulo 2. Apresenta primeiramente “o que é globalização?”, destacando que com o aumento dessa globalização o comércio internacional teve um grande aumento. Aponta também a evolução das tecnologias e a globalização, finalizando com os efeitos positivos e negativos da globalização.</p>
03	<p>Por Dentro da Geografia Autor: Wagner Costa Ribeiro Número de páginas: 224 páginas PNLD Triênio 2017 a 2019</p>	<p>O livro está organizado em quatro unidades, cada unidade contém três capítulos. Unidade 1: Globalização, exclusão social e meio ambiente. Capítulo 2. Globalização e exclusão social.</p>	<p>Capítulo 2. Apresenta a forma como globalização da produção é estudada por meio de redes geográficas de produção, que está presente cada vez mais em vários países do mundo. Também mostra como funciona a globalização financeira e como esta afeta a vida de várias pessoas.</p>
04	<p>Geografia Homem & Espaço Autores: Elian Alabi Lucci e Anselmo Lazaro Branco Números de páginas: 256 páginas PNLD Triênio 2017 a 2019.</p>	<p>Livro dividido em seis unidades e cada unidade tem de dois a três capítulos. Capítulo 3. A globalização.</p>	<p>Capítulo 3. Indaga o significado de um mundo globalizado, fala sobre a crise financeira e econômica do final da década de 2000, organização mundial do comércio e como isso tudo está ligado à globalização.</p>

Fonte: Organizado pela autora, (2019).

Nesse primeiro contato com os livros didáticos, percebeu-se que o conteúdo sobre Globalização é de fácil identificação, pois é mostrado tanto como capítulos ou subcapítulos. Mesmo com uma forma distinta de apresentação, todos trabalham seguindo uma mesma linha de raciocínio, se referindo à globalização em pelo menos três aspectos comuns, a saber: i) avanços tecnológicos; ii) características do capitalismo; iii) facilitadora de conhecimentos de outras culturas.

4.1 Análise dos livros didáticos de Geografia

Para a análise das obras selecionadas adotou-se as seguintes nomenclaturas: LD1, LD2, LD3 e LD4, referindo-se, respectivamente, a **Expedições Geográficas**, dos autores Melhem Adas e Sergio Adas; **Para Viver Junto**, dos autores Fernando dos Santos Sampaio e Marlon Clovis; **Por Dentro da Geografia**, do autor Wagner Costa Ribeiro; e **Geografia Homem e Espaço**, dos autores Elian Alabi Lucci e Anselmo Lazaro Branco.

Iniciando pela obra LD1 nota-se que a forma de abordagem das questões relativas à globalização é exposta em uma unidade contendo de oito capítulos, denominados de percursos. Dessa forma, nota-se que este livro didático expandiu a discussão sobre o assunto. No primeiro capítulo os autores apresentam os avanços que a tecnologia legou às comunicações. Os autores desta obra atestam que essa tecnologia e o consumo de alguns produtos são ferramentas acessíveis a todos os países, conforme destacado no trecho abaixo:

Há um século, meios de comunicação como rádio e o telefone tinham acabado de ser inventados, e nem todo mundo poderia tê-los. Além disso, o acesso à informação era mais restrito. Hoje, o acesso aos meios de comunicação se ampliou e é possível obter, “em tempo real” – por meio dos noticiários televisivos, da internet e da telefonia móvel –, informações sobre fatos, pessoas e paisagens de diferentes pontos do planeta. (ADAS; ADAS, 2015, p. 50).

Todavia, entende-se que esta afirmação é equivocada, pois há lugares no mundo que não estão conectados em tempo real e nem possuem as mesmas tecnologias, quando as tem. Tal apontamento é de visão inclusiva sobre algo ainda não inclusivo, de modo que não se pode passar o falso entendimento de que todos os lugares do mundo estão conectados a essa ideia de globalização.

Durante todo o capítulo os autores reforçam a visão de que a tecnologia vem facilitando tudo, e que a globalização passou por diversas fases de desenvolvimento. Como exemplo, destacam como a tecnologia nos meios de comunicações e nos transportes desenvolveu muitos lugares no mundo. Em outro ponto da unidade realçam que a economia global cresceu e que a fase atual da globalização ajudou o comércio internacional. Afirmam que tal crescimento foi importante para os meios de comunicação e transportes, que alguns ramos empresariais reduziram os fretes, que muitas famílias aumentaram a rentabilidade e que houve o crescimento do comércio mundial.

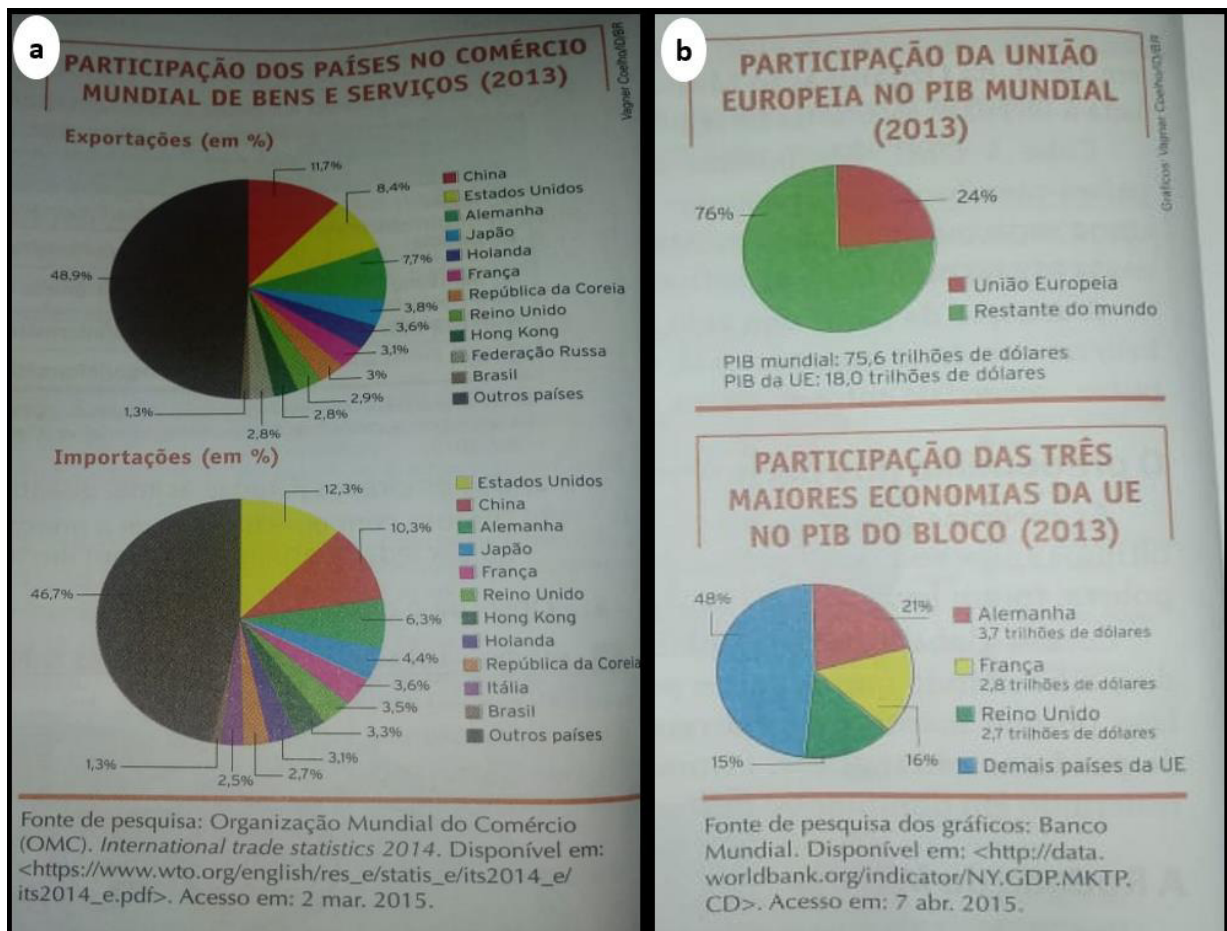
A partir disso, os autores referem-se à população como “sociedade do consumo”, sugerindo que esta pode ser “[...] caracterizada por uma intensa procura de todo tipo de produto e pela liberalização das regras comerciais – com objetivo de facilitar a exportação e a importação de mercadorias entre países”. (ADAS; ADAS, 2015 p. 56).

No tocante ao comércio internacional ressaltam que as transnacionais exercem forte influência na economia global, já que realizam muitos investimentos e com isso conseguem mão de obra e matérias primas de baixo custo em outros países. Quanto a essa questão não fazem menção à exploração e precariedade do trabalho. No tocante à relação entre a globalização e o meio ambiente indicam, em linhas gerais, que as queimadas, a degradação do solo, a escassez de recursos hídricos e a ameaça à biodiversidade são consequências disso. Assim, no decorrer do texto, os autores afirmam que isso se deve ao aumento da população global.

No livro LD2, diferentemente do LD1, os autores apresentam o conteúdo em apenas um único capítulo, tratando na primeira parte sobre indagação “O que é a globalização?”, a partir disso apresentam o conceito da seguinte forma: “O termo globalização refere-se a um conjunto de ações que interligam e tornam interdependentes os países, em termos econômicos, culturais, sociais e políticos” (SANTOS; CLOVIS, 2015, p. 34).

Assim percebe-se que os autores ligam a globalização a um conjunto de ações e o principal é a economia. Desta forma no decorrer do capítulo nota-se como destacam o crescimento da economia a partir de um processo acelerado de trocas de mercadorias e capitais. Com isso, eles mostram essas características em gráficos no decorrer do capítulo conforme a figura 2.

Figura 2: Crescimento da economia mundial: a) Apresentação do Comércio Mundial; b) PIB Mundial de 2013.



Fonte: livro Para Viver Juntos (SANTOS; CLOVIS, 2015).

É importante destacar que na obra LD2 há ênfase à questão tecnológica, colocando-a no papel de destaque no processo de globalização, sobretudo por modernizar e acelerar o processo produtivo. Além disso, mostra como isso modificou as relações entre as pessoas e as empresas, ao proporcionar a troca de várias informações e transições financeiras em tempo real.

Todavia, os autores versam sobre o tema pelo viés da sociedade de consumo, refletindo como o consumo de tecnologias tem crescido gradativamente. No que corresponde às discussões ambientais não houve tantos detalhes, mas é mencionado que o desenvolvimento econômico aumentou o consumo de petróleo e outras matérias-primas, e com isso o quadro de poluição nas cidades se agravou.

Na obra LD3, as questões sobre globalização estão distribuídas em um único capítulo, no qual o autor aponta as diversas faces da globalização. A primeira delas é a globalização da produção, a qual é apresentada como sendo o resultado de

alguns fatores, como: i) os avanços tecnológicos; ii) as redes geográficas; e, iii) os investimentos diretos. Nesse sentido, Ribeiro (2015) destaca que:

As **empresas transnacionais** passaram a usar suas fábricas para produzir partes dos produtos e, depois, eram reunidos em um determinado país para a montagem final da mercadoria. Ou seja, a produção passou a ser feita em **redes geográficas** [...] (RIBEIRO, 2015, p. 27, grifo nosso).

Considerando o exposto, percebe-se que a discussão do texto do LD3 conduz o leitor à globalização de produção, apontando as vantagens na divisão territorial e internacional do trabalho. O autor destaca que a partir dessa globalização a produção passou a ser automatizada e as máquinas funcionam por mais horas fazendo maiores quantidades de peças iguais. Salieta também que, desse modo, o investimento em capital só cresceu e facilitou o retorno para os empresários.

Outro ponto destacado pelo autor é sobre os avanços tecnológicos, pois no processo da globalização de produção a tecnologia é fundamental para atrair os clientes, ou seja, uma fonte de lucros para as empresas que investem, já que se utilizam de internet, satélites e programas de comunicação que são comuns no cotidiano de empresas e consumidores.

Somada a estas visões sobre a globalização, o autor também aponta para a visão financeira, ressaltando a participação dos equipamentos de informática nas transações bancárias. Nesta parte da globalização percebe-se a facilidade oferecida tanto para as empresas quanto para os clientes, sobretudo na parte de investimentos ou compras. Para o autor, de forma crítica, algumas facilidades colocadas pelo mercado como os cartões de crédito ajudaram os bancos a obter lucros com as taxas de juros ou movimentações financeiras.

Assim como o anterior, o quarto livro, LD4, apresenta as questões sobre globalização em um único capítulo. Os autores, na primeira parte do capítulo, já expõem que por causa do consumo de produtos de diversos países e por se ter conhecimento da maioria das coisas que acontece no mundo, se tem característica de um mundo globalizado. Sobre as questões econômicas ressaltam que

A economia atual é globalizada porque as atividades produtivas, o consumo de mercadorias e serviços [...] ocorrem em escala global. Essa interligação entre pessoas, empresas e países é um dos aspectos que caracteriza a globalização. (LUCCI; BRANCO, 2015, p. 36).

Assim, os autores trabalham a temática da globalização também pelo viés da economia, contemplando no assunto as corporações multinacionais. Assim, indicam que as corporações controlam parte da produção e do desenvolvimento da tecnologia, sendo ainda responsáveis pela maior parte do comércio internacional. Nota-se, no decorrer do capítulo, que salientam com frequência o processo de desenvolvimento das técnicas e como se estabeleceram as relações humanas a partir disso.

Assim, apontam para uma globalização que impulsionou a intensificação da concorrência do mercado mundial, alavancando as alianças comerciais. Percebe-se claramente que não são expostas as questões ambientais e que não destacam as desigualdades referentes ao processo de globalização. Entende-se que os autores focam fortemente apenas nas questões econômicas e de mercado, limitando a discussão sobre o assunto. No quadro 04 são destacados os conteúdos mais abordados nos quatro exemplares analisados.

Quadro 04: Conteúdos mais contemplados pelos quatro livros analisados.

Livros Didáticos	Conteúdos	
	Economia	Evolução tecnológica
LD1	Sempre bem explorada por todos os autores, à economia é posta como a controladora da produção e do desenvolvimento tecnológico.	Colocada de forma ampla dentro dos livros, a tecnologia é abordada como responsável pelo desenvolvimento nos meios de comunicação e nos transportes, pois segundo os autores é através dela que o processo de produção acelera e se moderniza.
LD2		
LD3		
LD4		

Fonte: Elaborado pela autora, (2019).

Diante do exposto no quadro acima, é possível perceber que os livros didáticos seguem semelhante linha de raciocínio quando se trata dos conteúdos de globalização, sendo que uns trabalham tudo em uma mesma unidade e outros em apenas um capítulo, de forma mais condensada.

Nesse sentido, fica a dúvida: será que para este tipo de assunto há uma restrição à apenas essa maneira de abordar a globalização? Entende-se que,

especialmente com relação a Milton Santos, há abordagens fora desse contexto, pelo menos de forma mais complexa, como: as questões ambientais; e, as desigualdades sociais, tecnológicas, entre outras, geradas pelo processo.

No quadro 05 são destacadas as comparações em termos de abordagens para dois assuntos em especial: as questões ambientais e as perspectivas de que tudo está globalizado.

Quadro 05: Comparação de como a globalização é discutida em cada livro.

Livros didáticos	Questões Ambientais	Perspectiva de que tudo está globalizado
LD1	degradação do solo, o desmatamento, as queimadas, a escassez de recursos hídricos e a ameaça à biodiversidade	Há o mesmo entendimento, sobretudo quanto aos avanços tecnológicos e à economia.
LD2	o uso excessivo de máquinas por mais horas, transportes cada vez mais desenvolvidos e poluentes, os lixos tecnológicos	
LD3		
LD4	Não há abordagem;	

Fonte: elaborado pela autora.

Com isso, é possível perceber que os livros LD1, LD2, LD3 discutem as questões ambientais, mas todos com suas particularidades, sendo que o livro LD1 dá maior ênfase a este assunto. Por outro lado, os LD2 e LD3 só discutem as questões ambientais voltadas para poluição causada pelos usos das tecnologias, como o descarte de equipamentos eletrônicos pelo simples fato de serem substituídos por uma tecnologia mais avançada. Por fim, o LD4 não apresenta nenhum efeito causado ao meio ambiente advindo do processo de globalização.

Com relação à outra questão do quadro, nota-se que os quatro livros em seus conteúdos destacam que tudo está globalizado e que esse processo se liga à tecnologia e à economia. No livro LD1 nota-se a seguinte afirmativa “Na atual fase da globalização, tem-se observado um extraordinário crescimento do comércio internacional” (p.56), ou seja, por causa desse crescimento tecnológico as transnacionais têm um grande poder na hora de influenciar a economia global. Na obra LD2 observa-se a seguinte afirmação “A globalização acelerou-se com o crescimento do comércio internacional e do fluxo de capitais pelo mundo.

Simultaneamente, ocorreu uma grande revolução tecnológica que encurtou distâncias e conectou o planeta” (p 34).

No LD3 ressalta-se a seguinte afirmação “A inovação tecnológica é usada para atrair consumidores e é uma fonte de obtenção de lucros pelas empresas [...]” (p. 30), com isso, percebe-se que a tecnologia é uma grande aliada para o crescimento econômico, pois é vendida junto com a ideia de possibilidade de desenvolvimento social. No LD4 afirmam que a “[...] globalização é a realização de fusões(uniões) e aquisições (compras) entre grandes empresas. O objetivo das empresas com esse processo é disputar mercados com maior poder de competitividade de investir em novas tecnologias[...]” (p.36), diante disso, é possível afirmar que esse processo de fusão faz parte do crescimento do sistema capitalista.

5. CONCLUSÃO

Através do presente trabalho foi possível apresentar uma breve explicação sobre os livros didáticos, os livros didáticos de Geografia e conceitos e discussões sobre Globalização. Desse modo tendo maior perceptibilidade para analisar livros de geografia indicados pelo PNLD 2017/2019 que fazem parte do currículo escolar do ensino fundamental do município de Codó-MA. A análise mostrou que as questões sobre globalização trazida nos livros didáticos são rotuladas, já que de alguma forma, todos, de forma ampla ou reduzida, sempre partem do mesmo pressuposto. Portanto os quatro livros salientam que a globalização está associada ao desenvolvimento econômico e tecnológico, deixando fora do radar outras discussões.

A partir da análise dos quatro livros foi possível notar que a tecnologia e a economia são sempre ligadas a globalização, pois os autores afirmam que esses processos econômicos e tecnológicos são os responsáveis pelo desenvolvimento comercial, já que ele ajuda a expandir o sistema capitalista.

Foi possível também perceber a ausência de conteúdo sobre o meio ambiente, já que o foco dos livros foram os avanços tecnológicos e as suas vantagens e desvantagens para o comércio. Os conteúdos atinentes às questões ambientais foram exposto de forma tímida pelos autores e sem muito aprofundamento, quando abordados.

Por meio deste estudo foi possível verificar que a discussão sobre globalização nos livros didáticos ainda possuem lacunas, pois alguns autores não mostram como essa globalização faz parte do processo de degradação do meio ambiente, como se essa parte da história não fosse relevante para levar ao conhecimento do aluno.

A partir da pesquisa notou-se a necessidade de discutir mais sobre globalização com os alunos, indagando sobre o olhar para a própria realidade, pois sabe-se que o avanço tecnológico que sustenta a discussão sobre globalização, não está disponível para todos, como é apresentado nos livros. É necessário edificar uma educação direcionada para o interesse social.

Diante disso, é importante ressaltar que os materiais didáticos sempre terão lacunas e que deem prioridade a alguns temas específicos, mas é necessário que os livros didáticos sejam desenvolvidos pensando na realidade do discente, já que são eles quem utiliza o material.

REFERÊNCIAS

ANTONIO FILHO, Fadel David. Globalização: para quem? Geosul, Florianópolis, v.17, n.33, p.7-21, jan/jun, 2002.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1993.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2017**: geografia - Ensino fundamental anos finais/ Ministério da Educação - Secretária de Educação Básica - SEB - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2016. 132 p.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais** :terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 174 p.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana e cotidiana. Campinas: Papyrus, 2010.

CELESTE FILHO, Macioniro. A proposta da Organização dos Estados Americanos para a censura de livros brasileiros de História no auge da ditadura militar. In: MARTINS, Maria Angélica Seabra Rodrigues. Educação, mídia e cognição. Bauru/SP, Canal 6, 2010, p. 237- 260.

COSTA, Candida Soares da; MÜLLER, Lúcia (Coord.). O negro no livro didático de língua portuguesa: imagens e percepções de alunos e professores. Cuiabá: EdUFMT, 2007.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. O Livro Didático e a pedagogia do cidadão: o papel do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro no ensino de história. **Saeculum** – Revista de História, n. 3. João Pessoa, jul./dez. 2005, p. 121 – 131.

FERREIRA, L. C.; VIOLA, E. (org). Incertezas de Sustentabilidade na Globalização. Campinas: Unicamp, 1996.

FREITAG, B. et al. *O livro didático em questão*. São Paulo: Cortez, 1989.

FLORES, Simone da Silva,; TONINI, Ivaine Maria. Das fábulas, perversidades e outras possibilidades: A globalização nos livros didáticos de Geografia. **Pesquisar** – Revistas de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia. Florianópolis, v.1, n.1, out. 2014.

HALLEWELL, L. *O Livro no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

LIMA, Alex Sousa. Globalização: influências das técnicas e tecnologias na organização do espaço e meio ambiente. **Revista eletrônica**: Ateliê Geográfico. Goiânia-GO v. 1, n. 2 dez/2007 p.42-58.

MANTOVANI, Katia Paulilo. O Programa nacional do livro didático – PNLD: impactos na qualidade de ensino público. **Tese** (Mestrado) USP, São Paulo,2009,126p.

MORAES, Didier Dominique C. D. de. Uma trajetória do design do livro didático no Brasil: a Campanha Editora Nacional, 1926-1980. **Tese** (Doutorado em Design e Arquitetura) FAUUSP, São Paulo, 2016, 385p.

PRADO, Clodoaldo José Bueno.; CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. O livro didático de geografia: estudo da linguagem cartográfica. Revista: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 981-1000, jul./set. 2017.

RODRIGUES, Lucimar R. Santana. Os gêneros discutidos no livro didático do ensino médio. São Paulo,2007

ROMANATTO, Mauro Carlos. O livro didático: alcances e limites. Anais...VII Encontro Paulista de Educação em Matemática, 2004, São Paulo.

SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização: Do Pensamento Único à Consciência Universal**. 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Adão Fogaça da.; CONCEIÇÃO, Marcielly Lima. Análise do Livro Didático de Geografia sob a perspectiva do continente africano. **Anais**...XVIII Encontro Nacional de Geógrafos: A construção do Brasil: geografia, ação política e democracia. 24 a 30 de junho de 2016, São Luís-MA.

THERBORN, Goran. Globalização e desigualdade: questões de conceituação e esclarecimento. Revista: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 3, nº 6, jul./dez 2001, p. 122-169.

ZACHEU, Aline Aparecida P.; CASTRO, Laura Laís de O.; Dos tempos Imperiais ao PNLD: A problemática do livro didático no Brasil. **Anais...**14ª Jornada do Núcleo de ensino de Marília, SP, 2015.